



RESULTADOS DE UMA PESQUISA: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENTRE MULHERES EVANGÉLICAS

Valéria Cristina Vilhena¹

Para analisarmos a violência doméstica entre mulheres evangélicas tomamos como primordial a perspectiva de Gênero. Os estudos de gênero consideram que o ser homem e o ser mulher são construídos social, cultural e biologicamente e, portanto, não determinados pelo transcendente ou pelo sobrenatural.

Portanto quando se constroem relações sociais, as mesmas são alicerçadas em bases culturais e a religião está ali inclusa. Ao utilizarmos a categoria “gênero” para as análises sociais rejeitamos, explícitas e implicitamente, as justificativas essencialistas e biologizantes para as desigualdades sociais, a dominação e as relações de poder entre os sexos. Com esta categoria analítica a ênfase é colocada sobre todo um sistema de relações que pode incluir sexo, mas que não é diretamente determinado por ele e nem pela sexualidade.

Gênero, enquanto instrumento analítico se dará historicamente nos estudos feministas, que lança um olhar crítico e busca desconstruir a realidade social não apenas no que concerne aos papéis e lugares culturalmente atribuídos às mulheres, mas também no que concerne aos padrões hierárquicos dominantes ou hegemônicos. Assim tal crítica tanto inclui os padrões dominantes quanto à sexualidade, raça/etnia, classe social, etc, quanto estende-se aos modelos analíticos e explicativos androcêntricos, aí inclusas as teologias, doutrinas, práticas e instituições religiosas.

No aspecto relacional entende-se que os comportamentos feminino e masculino são definidos pela cultura, ou seja, cada sociedade, através da sua cultura define o papel da mulher e do homem. Nas relações de poder, tanto o homem quanto a mulher exercem poder, ainda que se encontre distribuído de modo desigual. Através da teoria foucaultiana afirma-se que em todas as sociedades conhecidas as mulheres detém parcelas de poder que permite às mulheres ‘ameaçar’ a supremacia masculina. Afirma Michel Foucault (1999) “o poder circula”, como algo que funciona em cadeia.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, História Cultural e Artes, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/MACKPESQUISA, valeriaegustavo@gmail.com



Mulheres Evangélicas e a Violência Doméstica

Não esperávamos encontrar, no nosso campo de pesquisa, quase 40% das atendidas declarando-se evangélicas, já que nossa pesquisa de campo projetou-se na Casa Sofia, projeto social da igreja católica da região do Jardim Ângela. Decidimos, portanto, compreender melhor o universo simbólico religioso dessas mulheres e como lidavam com a violência sofrida.

Cabe aqui, portanto, um esclarecimento sobre o termo evangélico e a quem ele se dirige. Conforme Pinezi (2000:9):

Evangélico é um termo que abrange todas as denominações cristãs originárias, de forma direta ou não, da Reforma Protestante, ocorrida no século XVI (Mariano, 1989). Portanto, incluem-se nessa terminologia os protestantes históricos, também chamados de “protestantes de origem missionária” (Velasques Filho, 1990), *representados pelas igrejas reformadas de origem européia e norte-americana, instaladas no Brasil desde o século passado* (Prandi, 1997, p.16), bem como os pentecostais e os neopentecostais.

As mulheres representam a maioria no meio evangélico, portanto, analisar as motivações pelas quais tantas mulheres se convertem e questionar a respeito dos efeitos dessas conversões, que até então eram considerados diretamente ligados à opressão econômica ou à opressão feminina, traz novas contribuições quando passam a ouvir das próprias mulheres quais eram suas motivações.

As promessas de soluções mágicas para os problemas cotidianos passam a não serem mais as únicas atrações para manterem essas mulheres nas comunidades religiosas, constata Machado (1996). Outras formas subjetivas e objetivas de apoio às mulheres são apresentadas. Essa variante esteve presente em nossas entrevistadas, ao perguntarmos para Ana², por exemplo, se já tivera convivência religiosa conjunta, ou seja, se ela e seu companheiro por algum período de tempo já tinham freqüentado a igreja, ela nos respondeu: “*Ele nunca freqüentou minha igreja tenho certeza que se ele se convertesse tudo seria diferente*”. São novas motivações consideradas:

As histórias de conversão ao pentecostalismo e de afiliação ao Movimento de Renovação Carismática Católica indicam que as motivações mais freqüentes para as mulheres procurarem esses grupos religiosos são: as desavenças conjugais, os problemas financeiros e ou o desemprego do chefe de família, a depressão ou o nervosismo feminino e os problemas de saúde de algum membro do grupo doméstico. Tal ênfase no universo familiar tem levado vários autores a concluir pela importância da” tensão doméstica “na formação da vida religiosa das mulheres casadas. Burdick (1990:246) explica a migração de mulheres pobres do catolicismo para o pentecostalismo e para a Umbanda, em função dos recursos institucionais e teológicos oferecidos por essas religiões às esposas aflitas.”(Machado & Mariz, 2002:9).

Para as mulheres, essas teologias vão de encontro aos comportamentos desviantes de seus parceiros, cedendo lugar à resignação, à abnegação; mudando a forma de conduta de seus parceiros diante da infidelidade ou vícios relativos a drogas ou jogos. Após sua conversão, aprendem a agir

² Nome fictício dado a uma das mulheres entrevistadas na dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Religião. VILHENA, Valéria Cristina. *Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia. São Bernardo do Campo, 2009. Universidade Metodista de São Paulo.*



com ‘sabedoria’ evitando discussões para ‘ganhar’ seu companheiro para Cristo, quando então ele estaria liberto pelo Espírito Santo dos espíritos demoníacos.

A associação dos ‘comportamentos desviantes’ com a doutrina das forças demoníacas, isentando o sujeito de qualquer responsabilidade de suas ações foi percebida no campo:

A fé remove montanhas, acreditar, perseverar – o inimigo fica furioso, mas ele está derrotado. O inimigo usa ele, ele não quer mais prosperar na vida e não quer que eu prospere (em tom de lamentação, tristeza continua) ele pega minhas panelas e dá para os outros. Eu ganhei de prêmio uma panelinha linda porque eu vendi muito bem, sabe, mas ele pegou minha panelinha linda e deu.³

Percebemos que mesmo sendo suas dificuldades de ordem material, a entrevistada não consegue associar sua frustração com as limitações impostas pela sociedade. Assim, ao invés de atribuir culpa às forças sociais, e também aos interesses de seu companheiro, que são claramente opostos ao dela, ela culpa o ‘inimigo’. Essa paradoxal doutrina faz com que ela desculpe o marido mais uma vez; então concordamos com Machado (1996) quando afirma que a:

“Associação dos” desvios morais “com a intervenção das forças demoníacas na personalidade dos indivíduos, possibilitando que os pentecostais retirem do desviante a responsabilidade por suas ações e estimulem a compreensão e tolerância por parte dos familiares e da comunidade religiosa. O próprio batismo na águas constitui uma purificação do fiel que a partir daquele momento renasce sem máculas [...] a culpa tão mencionada pelos informantes católicos não tem aqui a mesma capacidade de atormentar e angustiar os que um dia erraram e a possibilidade de imputar ao diabo a responsabilidade por esses erros permite que os fiéis se coloquem mais como vítimas de uma força sobrenatural do que como pecadores”.(Machado, 1996:44).

A violência do agressor é combatida pelo ‘poder’ da oração. As ‘fraquezas’ de seus maridos são entendidas como “investidas do demônio” então a denúncia de seus companheiros agressores as leva a sentir culpa por, no seu modo de entender, estarem traindo seu pastor, sua igreja e o próprio Deus. Logo o que era um dever, o da denúncia para fazer uso de seu direito de não sofrer violência, passa a ser entendido como uma fraqueza, ou falta de fé na provisão e promessa divina de conversão-transformação de seu cônjuge. Ao indagarmos qual era sua posição em relação aos homens que agrediam suas mulheres, inclusive homens evangélicos e até pastores, Madalena⁴ responde: *Acho erradíssimo o homem bater na mulher. Nós é que não somos fiéis a Deus, a mulher também faz coisa errada, a gente também perde a cabeça, não vigia.*

Ao mesmo tempo que acha muito errada a atitude do homem agressor, ela imediatamente culpa as mulheres por não serem fiéis a Deus o bastante para que fiquem livres da agressão. Esse processo de construção move intersubjetividades nas relações interpessoais construídas na objetividade das relações sociais de gênero. E será deste contexto sócio-cultural que a violência doméstica se apropriará e, portanto, deverá ser analisada, já que são nas relações interpessoais que

³ Entrevista concedida, pela Isabel, nome fictício, em março/2009.

⁴ Depoimento concedido em entrevista realizada em março/2009.



desenvolvem-se relações de violência de gênero, podendo até mesmo serem vistas como naturais, “coisas de marido e mulher” em que não se “mete a colher”.

O discurso cristão enquanto organizador da vida e da moral social utiliza-se de arquétipos, símbolos e signos misóginos que foram incorporados à cultura ocidental, construindo identidades de homens e mulheres, manipulando suas vidas. Assim, a naturalização da violência acontece nesse processo histórico-cultural, e a experiência religiosa passa a justificar e trazer significado dessa situação desigual e desumana de vida.

As conversões religiosas nesses grupos requerem rupturas nos estilos de vida dos fiéis, tanto de homens quanto de mulheres, mas a força reguladora e controladora da religião na vida das mulheres é visivelmente mais fortemente adaptada à cultura machista. E se tais rupturas são diferentemente requeridas, logo um caráter paradoxal na doutrina evangélica é instaurado, reafirmando a ordem patriarcal que deixa as mulheres em nítida desvantagem nas definições de papéis.

Representações religiosas de gênero

As representações cristãs de gênero têm cumprido uma função social na manutenção e perpetuação de um modelo bem definido de masculinidade e feminilidade, ou seja, modelos que definem quem são socialmente.

Formas hegemônicas de representações estão diretamente ligadas à divindade. O homem é constituído de autoridade assim como Deus o é com os sujeitos religiosos. Deus é forte, grande, todo poderoso, ciumento. Tal associação pode-se apresentar como perigosa, à medida que legitime desigualdades, crie identidades constituídas de direitos e privilégios em suas práticas, baseadas nas relações sociais de sexo: “o gênero da religião cristã é masculino e é neste mundo masculinizado que nós, homens e mulheres, nos relacionamos, nos significamos (...) e nos organizamos do ponto de vista religioso.” (Velo, 2005:72)

Numa sociedade secularizada, na qual a religião possui a força normatizadora, deparamo-nos com uma grande questão: da religião não acompanhar as urgentes mudanças da modernidade. Portanto interrogar-lhe a partir da perspectiva de gênero é fundamental.

A concepção da maternidade como foi constituída em nossa cultura ocidental, por exemplo, e imbricada com a religiosidade cristã pode tecer discussões. Um dado biológico é utilizado como instrumento de domesticação, isto é, apresenta-se ou socializa-se como função natural de uma



‘grandiosidade feminina’ a quem cabe ‘nutrir’, ‘dar calor’, ‘proteger’ ‘amparar’, mas que vem acoplado a uma carga de responsabilidade tal que as identidades se perdem⁵.

A constituição da maternidade divina de Maria é consenso entre os cristãos sejam eles católicos ou evangélicos. Embora os evangélicos não prestem cultos à Maria, sua maternidade virginal, logo divina, não é questionada, portanto, absorveu-se da tradição cristã a ‘sagrada maternidade’ constituída no decorrer da história. O status da maternidade assegura às mulheres uma subserviência tal que atravessou séculos e continua viva na modernidade.

Da maternidade muito mais que a paternidade exige-se sempre o papel de protetora, serviçal, cuidadora e, o ser mulher fica sempre à sombra da maternidade. É como se a maternidade viesse automaticamente ou naturalmente acoplado com sentimentos nobres tais como o sentimento protetor, carinho, generosidade.

Tornou-se senso comum o amor materno como natural. É pouco conhecido o fator histórico dos séculos que intencionalmente foi sendo passado como uma imposição cultural pela motivação da conservação da hereditariedade⁶ criando uma idealização da relação mãe-filho. Ainda em nossos dias, a maternidade é vista muitas vezes como a única, maior ou a plena satisfação da mulher. E no campo religioso cristão tanto católico como evangélico a imagem de Maria sofre uma espécie de fusão: “ (...) as concepções da maternidade humana (da mãe) e da maternidade de Maria se fundem, criando a figura da maternidade sagrada.” (Lemos, 2006:84) e a partir dessa compreensão que se funde na figura de Maria, desigualdades de gênero são imbricadas nesse imaginário cristão.

A exploração dos aspectos do cuidado, proteção, serviço recairão da devotada Maria para todas as mães humanas a ponto de poderem até sentir-se culpadas se dedicarem tempo exclusivo para seu próprio cuidado. É uma maternidade idealizada e tornada padrão social e fortalecida pela tradição cristã católica e absorvida também pelos evangélicos. Das mães serão cobradas a partir de tal padrão, e o mesmo não será exigido à paternidade. Não se dita divisão igualitária de responsabilidade e cuidado sobre a prole.

É instaurada, através da maternidade poder/dominação, decisão sobre o que o outro deve ou não fazer, uma hegemonia baseada em uma representação religiosa ‘sagrada’, portanto, indiscutível, passando de geração a geração. A paciência, tolerância, abnegação, servidão para com a prole não é repartida entre a maternidade e paternidade. Na realidade há um destaque maior para a maternidade

⁵ Este ideal de comportamento feminino marcado pelo sofrimento materno é reconhecido pela literatura da área como marianismo.

⁶ Ler mais sobre este assunto em BADINTER, Elizabet. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



não porque é sagrada, mas porque exige-se mais através de um status de sacralidade, uma sutil imposição que muitas pessoas não ousam colocar em xeque interpelada pela importância dada ao papel da maternidade na estrutura familiar. As mães sentem-se não igualmente responsáveis por seus filhos mas muito mais responsáveis por eles.

Muitas mulheres passam suas vidas assegurando um matrimônio, sacrificando-se pelos filhos (as) esquecendo-se delas mesmas exatamente por sentirem-se muito mais responsáveis por seus filhos (as) e não igualmente responsáveis por sua prole juntamente com o pai. Esse fato foi evidenciado nas falas de nossas entrevistadas, seus companheiros não dividiam a responsabilidade da educação, do cuidado, do serviço em favor de seus filhos (as) e o peso da responsabilidade dobrada fazia com que elas, muitas vezes, tolerassem tais desigualdades, pois sabiam que se não cuidassem de seus filhos eles poderiam padecer diversas necessidades.

Essa responsabilidade referendada às mães é conhecida como ‘força de mãe’ ‘instinto materno’: *“Eu aguentei tudo pelos meus filhos porque eu já tive vontade de me matar”*, disse Rebeca quando contava sua experiência de vida. Entretanto outra representação religiosa de gênero oposta da pura e imaculada Maria é a imagem de Eva, a mulher que se deixou seduzir por uma serpente. Eva, no entanto, é a figura que primeiramente se remete às mulheres e a virgem Maria é invocada às mulheres mães. A tentadora, condenada não diretamente pela queda, mas responsável por conduzir e induzir o pecado ao paraíso sendo excluída e, por sua culpa, toda a humanidade também perdeu o privilégio de viver no paraíso. A sentença condenatória de Javé sobre Eva foi a multiplicação de sua dor ao conceber e *“O teu desejo será para o teu marido, e ele dominará sobre ti”* (cf. Gn 3,16.20).

Concomitantemente a imagem de Eva e Maria sobreviveram. Maria como a devotada mãe e Eva como a impura pecadora. Bicalho (2001) aborda ainda o tema da misoginia na teologia cristã, acentuando como a maternidade é ensinada como um dom divino e a comparação que fazem de seus sofrimentos com os sofrimentos de Jesus. Diante de tais fatos é de suma importância considerarmos a religião evangélica, que é de raiz judaico-cristã como um componente importante na elaboração do contexto das relações de gênero que envolvem questões de poder/dominação, sob a base hegemônica que controla a vida dos fiéis:

(...) as mulheres, como todos os seres na ordem patriarcal, devem obedecer a um padrão social pré-estabelecido, no qual as pessoas entram na dinâmica da cultura da obediência quase sem perceber que obedecem, sem ter outra opção, participando assim, de uma igualdade idealizada, jamais efetivada na vida real nem nas relações cotidianas, mas que “Deus” confirma esta ordem vigente. (Gebara, 2000:121)

Todas essas representações do feminino e do masculino são representações de gênero e religião que ocupam um lugar no inconsciente. Ninguém precisa alertar do ‘perigo’ que corresponde



uma mulher fora do controle masculino, ela logo trará a perdição como fez Eva – o mito fundador da misoginia cristã. Mito tão forte que muitas outras mulheres passaram despercebidas diante da personagem de Eva.

Nesta perspectiva, a violência contra as mulheres está relacionada com o discurso da religião cristã já que tem apoiado a subordinação da mulher até às últimas instâncias. Esta é uma interface das ciências sociais, que traz à tona o cotidiano dos sujeitos sociais, desvelando papéis sócio-construídos, parâmetros universalizantes, dominantes e excludentes nas relações de gênero através da religião. Gebara (2000:125) afirma: “ A violência contra a mulher está relacionada com o discurso da religião cristã, visto que esta expressão religiosa tem apoiado a subordinação da mulher a partir das doutrinas que legitimam e sacralizam o sacrifício e o sofrimento”.

A tradição cristã como religião patriarcal nos seus padrões de conduta androcêntrico e universalizantes, que impregnam as distintas hierarquias culturalmente ocidentais, pode conduzir práticas pastorais, principalmente nos aconselhamentos às mulheres que sofrem violência doméstica, um padrão ‘agressivo’. Pois, de forma geral são ensinadas, doutrinadas para uma conduta de obediência e submissão como se os casos de violência fossem conjunturais, o que também não justifica tal atitude diante de quaisquer tipos de violências, pois é uma anormalidade que envolve ambos os parceiros.

Ao ouvir essas mulheres pudemos compreender como a religião atravessa suas realidades e de que forma ela o faz. Qual é sua percepção de quando estão sendo violentadas, pois, normalmente acontece o reconhecimento quando fisicamente ocorrido, as humilhações, por exemplo, muitas vezes não são por elas reconhecidas como atos de violência, causando danos não somente físicos mas psicológicos duradouros.

Partimos do pressuposto básico que a violência doméstica sempre é gerada numa relação de desigualdade hierarquizada que confere ao homem a condição de mando e à mulher a de submissão. Condição essa, social e historicamente construída e naturalizada, tornando-se senso comum. Alguns pressupostos religiosos são, por assim dizer, intocáveis e resistentes à moderna secularização, impondo políticas e manipulando poderes.

A teologia evangélica, constitui-se como uma poderosa e efetiva ferramenta para a construção das relações de gênero. Desde o uso que faz da bíblia, o status sexista dado aos homens e promovido nas igrejas, na liturgia cútica, nos discursos religiosos, etc.: *A teologia é a fala sobre Deus, mas é uma fala humana sobre Deus. Insisto em que nós devemos reconhecer o elemento humano na reflexão teológica*. (Townes, 1994:23)



A religião não é considerada como única causa da violência de gênero especificamente a doméstica, bem como as violências perpetradas na pesquisa não são exclusivas dos evangélicos. Como já afirmamos, são múltiplos os fatores causadores da violência doméstica, somente não queremos e não podemos descartá-la ou negligenciá-la.

Homens, mulheres, instituições devem estar focadas quando falamos em erradicar a violência contra as mulheres. Reeducação baseada na igualdade entre homens e mulheres, não importando qual religião professe. Sinto-me convidada a refletir sobre este tema de modo a repelir toda estrutura autoritária, inclusive a religiosa, que venha tolerar a presença da violência doméstica.

Bibliografia

- BERGER, P. *O Dossel Sagrado* - elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Paulus, 1985.
- BICALHO, Elizabete. *Gênero, Violência e Religião* – Uma alquimia “perfeita”. Mandrágora ano 07.n.7/8. 2001/2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Bertrand, Rio de Janeiro, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Graal, Rio de Janeiro, RJ, 1999.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*, (Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth). Petrópolis, Vozes, 2000.
- LEMONS, Carolina Teles. Maternidade e Devoções Marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte (org). *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais-Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. Campinas, SP, Autores Associados ANPOCS, 1996.
- MACHADO, Maria das Dores Campos & MARIZ, Cecília L. Mulheres e Prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais e Base e os grupos carismáticos. *Revista Estudos Feministas* vol.10 no. 2 Florianópolis Jul/Dez. 2002.
- PINEZI, Ana Keila. *A dimensão de presente e futuro em contextos religiosos diferenciados: uma análise comparativa entre dois grupos evangélicos*. Universidade de São Paulo – Campus Ribeirão Preto – SP; XXIV Encontro Anual da ANPOCS, 2000
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez. 1990.
- SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo Evangélico e Questões de Gênero. SOUZA, in *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.



TOWNES, Emilie M. Memória e Experiência na Teologia Feminista. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1994.

VELOSO, Marcelo Augusto. Uma abordagem de gênero a partir da religião: gênero, masculino e cristianismo. In: *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-americano de gênero e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. P.71-79.